

## O FUNCIONAMENTO DOS CONECTORES DISCURSIVOS *OU SEJA*, *QUER DIZER E ISTO É* EM CONSTRUÇÕES APOSITIVAS

Josefa Jacinto de FRANÇA (UVA-PROLING/UFPB)

Camilo Rosa SILVA (UFPB)

### RESUMO

O estudo da aposição na gramática tradicional ainda é bastante limitado, o que também se estende a outros materiais didático-pedagógicos destinados ao ensino de língua portuguesa (livros didáticos, compêndios e apostilas). O conceito de “aposição” apresentado pelos gramáticos não é suficientemente claro, havendo uma falta de consenso tanto no que se refere à conceituação quanto à identificação e, principalmente, à diferenciação do aposto, instanciado linguisticamente como sintagma simples ou oracional. Neste segundo nível, normalmente a aposição é associada às orações subordinadas substantivas que se caracterizam, quanto à função que exercem na frase, como aposto. São consideradas apositivas somente as orações que se apresentam sem conector discursivo. Assim, respaldados na Linguística Funcional Contemporânea, que concebe a gramática como maleável, processual, motivada pela situação comunicativa e pela função cognitiva (GIVON, 1995), tomamos como objeto de análise “construções apositivas” sob a forma oracional, introduzidas pelos conectores *ou seja*, *quer dizer* e *isto é*, extraídas de uma amostra de quinze textos opinativos - artigos e entrevistas -, expostos nos periódicos semanais *Veja* e *Isto É*. Neste estudo, confrontamos conceitos oferecidos por autores representativos da tradição gramatical, como Bechara (1999), Cunha e Cintra (1985), Kury (1973) e Luft (1989), cujas perspectivas embasam o ensino de língua portuguesa; a eles são contrapostos os pontos de vista de autores que têm analisado a aposição sob a ótica da Gramática Funcional, como Quirk et al (1985); Meyer(1992); Nogueira (1999) e Dias (2004-2005). Além disso, buscamos identificar: a) as configurações estruturais dessas orações no corpus coletado e b) as motivações discursivas para o seu uso na modalidade escrita. Esperamos, através dessa análise, contribuir com os estudos linguísticos; sobretudo, os da Linguística Funcional.

**Palavras-chave:** Construção apositiva. Estrutura/funções. Ensino.

## 1. Introdução

Neste artigo tomamos como objeto de estudo “construções apositivas” introduzidas pelos conectores discursivos *ou seja*, *quer dizer* e *isto é*, na modalidade escrita da língua portuguesa. Estão sendo consideradas nesta investigação construções apositivas que apresentam duas unidades: a unidade B (apositiva) em conexão com a unidade A (base ou matriz). Ambas as unidades podendo se apresentar tanto sob a forma nominal (nome ou frase sem a presença de verbo) - doravante SN; como também sob a forma oracional (clausular) constituída de cláusula, cláusulas ou períodos.

A amostra tomada para análise compreende 10 fragmentos de textos opinativos extraídos de periódicos semanais - *Época*, *Veja* e *Isto É*, dos anos 2011 e 2012. Para uma melhor compreensão de como se configura a construção apositiva, apresentamos uma ocorrência, apenas a título de uma exemplificação,

[...]. Nesse primeiro momento, porém, o ex-presidente irá frustrar a maioria dos candidatos interessados em tê-lo como cabo eleitoral. Lula decidiu restringir sua presença física a quatro cidades: São Paulo, Belo Horizonte, Recife e São Bernardo do Campo. **Ou seja, os escolhidos do ex-presidente são os candidatos do PT Fernando Haddad, Patrus Ananias, Humberto Costa e Luiz Marinho.** (ISTO É, agosto de 2012).

em que a unidade com sublinha corresponde à unidade A; e a em negrito, a unidade B, apositiva.

Objetivamos descrever as funções sintáticas exercidas pelos elementos da unidade base/matriz (unidade A) e mostrar a configuração estrutural das estruturas apositivas *desgarradas* (ou unidades independentes), nos termos de Decat (2001;2011). Nossa reflexão tem respaldo nos pressupostos teóricos do funcionalismo de Halliday (1973; 1985), para quem as construções apositivas constituem um caso de parataxe, em que há relação entre elementos de igual estatuto e, segundo a relação

lógico-semântica, é uma expansão por elaboração, quando um elemento expande o outro, reformulando-o, especificando-o em mais detalhes ou exemplificando-o.

Na sequência deste texto, abordamos os seguintes pontos temáticos: i) visão geral sobre a Linguística funcional; ii) panorama da abordagem da construção em estudo, da visão tradicional à visão inovadora, apresentando as definições de alguns gramáticos, como Cunha (1984), Bechara (1999), Kury (1973;1991) e Rocha Lima (1979), que atestam algumas limitações acerca do aposto; iii) caracterização das estruturas *desgarradas* e iv) análise das construções apositivas quanto à forma e à função sintática do elemento base da primeira unidade (A), fazendo alusão aos seguintes autores Halliday (1973;1985), Hopper (1987), Meyer (1992); Votre et. al. (1995), Nogueira (1999), Dias (2005;2006), Dias & Santos Filho(2004), Gonçalves (2007) e Decat (2001;2011).

## 2. A Linguística Funcional

Sob uma perspectiva funcionalista, o estudo da língua envolve o estudo da situação comunicativa, a qual contempla o propósito do ato de fala, seus participantes e o contexto discursivo. Subjaz, então, a concepção de que a língua é usada, sobretudo, para satisfazer necessidades comunicativas; logo, as regularidades e irregularidades da língua dependem dos atos de fala, ou seja, é de toda a situação comunicativa que depende o processo de surgimento e fixação dos itens e estruturas gramaticais.

Essa perspectiva teórica representa, pois, uma tentativa de explicar a forma da língua, considerando o uso feito pelos falantes, partindo do princípio de que a estrutura gramatical é motivada e, por vezes, determinada pela situação comunicativa. De acordo com essa tendência, se a língua está sujeita às pressões de uso, trata-se de uma estrutura maleável, e não se constitui em um código inteiramente arbitrário. A estrutura linguística é concebida como o resultado de fenômenos não-linguísticos, especialmente, de processos cognitivos. A gramática, por sua vez, passa a representar

o conjunto de regularidades decorrentes de pressões cognitivas e, sobretudo, de pressões de uso. As pressões cognitivas constituem uma das causas de a gramática apresentar um aspecto mais regular, pois ela é também uma consequência do modo como os humanos interpretam o mundo e organizam mentalmente as informações decorrentes dessa interpretação. Nesse sentido, a gramática está num contínuo fazer-se, mas nunca se estabiliza, o que leva à noção de “gramática emergente”, defendida por Hopper (1987), segundo o qual a gramática é formada pelas regularidades resultantes das pressões de uso, de modo que a estabilidade da gramática é apenas provisória. Nesse sentido, as regras da gramática são entendidas como não-arbitrárias, motivadas ou icônicas.

Para o funcionalismo, todas as orações de um texto têm uma dupla função: semântica e pragmática, pois o que se comunica em cada porção não é só o conteúdo semântico da língua, mas também a sua natureza e o propósito do ato de fala, visto como um fenômeno cultural e cognitivo. O conteúdo semântico-proposicional de uma oração pode permanecer estável, ao passo que sua função discursiva pode se modificar. Essa é a razão de os funcionalistas questionarem a validade de uma análise da língua centrada em estruturas isoladas. Nas palavras de Votre et. al. (1996, p. 27):

Os estudos do uso da língua em situação real de comunicação, especialmente neste final de século, vêm dando ênfase peculiar aos usuários. Com efeito os usuários vêm sendo concebidos como criadores, continuadores, atores, transformadores das estruturas dos itens e da língua, em cada momento que se lhe aborde a estrutura e o funcionamento.

Portanto, a linguística funcional procura explicar os usos linguísticos, tentando mostrar como as estruturas gramaticais são construídas.

### 3. A aposição sob a perspectiva tradicional

Remonta à antiguidade, aproximadamente, a partir do século XVI, época em que surgiu o termo *aposição* nas Gramáticas Latinas, a observação desse fenômeno linguístico. Conforme Nogueira (1999), desde a retórica latina, a noção designada como *adjuncta*, *apposita* ou *sequentia*, já era atestada, embora tal noção apenas tenha sido fixada como definição daquilo que denomina propriedades sintáticas da palavra ou da proposição na passagem entre os séculos XIX e XX.

Assim, de forma paulatina, a aposição começa a ganhar espaço gramatical dentro da categoria do *nome* nas gramáticas latinas. No processo evolutivo, o que era analisado como aposto em latim passou a ser visto como um substantivo atributivo, que concordava em gênero e número com o seu antecedente nas diversas línguas românicas. Já em língua portuguesa, inicialmente, a aposição era considerada como um *adjunto atributivo*, função presente em gramáticas, como a de Góis (1960), que antecederam a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB). Atualmente, essa função, geralmente, é vista como *adjunto adnominal*.

Hoje, o estudo da referida função na GT apresenta algumas inconsistências. A aposição ainda é apresentada como um estudo bastante limitado por autores diversos. Isso se estende, também, aos livros didáticos e materiais destinados ao ensino de língua portuguesa nas instituições de ensino fundamental e médio das escolas brasileiras. Normalmente a aposição é associada às orações subordinadas substantivas, sendo caracterizada por influência da função que exerce na frase, no caso, de aposto. São consideradas orações apositivas somente aquelas que se apresentam sem conector discursivo.

No que diz respeito ao *aposto* não-oracional, diversas gramáticas o abordam no capítulo que trata dos *Termos Acessórios da Oração*; fato que, talvez, o leve a ser considerado dispensável para completude da informação, podendo, conforme a maioria dos compêndios gramaticais vinculados à tradição, ser omitido da mensagem.

Nesse contexto, o aposto é definido como um termo de valor nominal, mas que pode se apresentar sob forma de oração, desempenhando função que seria própria de um nome. Vejamos, a seguir, a posição de alguns gramáticos.

Rocha Lima (1979) considera o aposto como termo de valor nominal, representado por um substantivo (ou pronome), que normalmente aparece acompanhado de outro termo de valor nominal (o *fundamental*), para particularizar ou esclarecer. Tanto o fundamental como o aposto indicam sempre o mesmo ser.

Cunha (1984, p. 162) o define como uma “oração” ou um “termo que pode estar presente em todos os sintagmas oracionais, inclusive no agente da passiva e no vocativo”.

Para Kury (1991, p. 57), trata-se de “Uma ideia fundamental contida num termo de valor substantivo, em qualquer função sintática, pode ser continuada, explicada (inclusive por comparação), desenvolvida ou resumida num termo acessório, seu equivalente ou adjunto, também necessariamente substantivo, APOSTO”. Conforme seu valor na oração, classifica-se o aposto em: explicativo; enumerativo; resumidor ou recapitulativo; e comparativo.

Bechara (1999, p. 456) define o aposto como um substantivo - ou expressão equivalente - modificador de um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva), denominado de termo fundamental. Tal modificação acontece sem que seja necessário outro instrumento gramatical marcante desta função adnominal.

Vários autores fazem referência aos sinais de pontuação reconhecendo sua relação com a função apositiva. Para os autores supracitados, a pausa entre o aposto e termo fundamental geralmente é marcada por vírgula. No caso da oração apositiva, a separação geralmente ocorre por dois pontos. Portanto, podemos perceber que a análise dos autores elencados acima insiste na referência aos recursos da pontuação como fator relevante para identificar o aposto. Nessa perspectiva, a pontuação é uma marca estrutural que tem muita relevância para a para a compreensão da função

apositiva. Passemos à observação de outros direcionamentos, contrários à visão tradicional.

Dias & Santos Filho (2004) tecem críticas à visão da GT, defendendo que a aposição não deve ser entendida como uma função puramente sintática, ou seja, uma cláusula encaixada completiva, ou como uma oração substantiva apositiva. Para os autores, a aposição é uma *construção apositiva*, que, do ponto de vista formal, pode ser constituída de uma ou várias orações de características variadas: encaixadas, paratáticas, hipotáticas, como também, por um conjunto de combinação de cláusulas.

Na visão de Dias (2006), essas orações são *construções apositivas*, pelo fato de elas apresentarem peculiaridades, sendo ou não introduzidas por conectores discursivos (*ou seja, isto é, vale dizer, quer dizer e por exemplo*), numa gradação, partindo daquela mais prototípica àquela com menos traços de prototipicidade. Do mesmo modo, Nogueira (1999, 2006) utiliza a denominação *construção apositiva*, entendendo a aposição como um mecanismo funcional.

Conforme o exposto, é perceptível que a GT não esclarece de maneira satisfatória o conceito de aposto. Observando alguns dos conceitos apresentados pelos gramáticos, é notável o tímido tratamento da identificação e da diferenciação do aposto instanciado linguisticamente como sintagma simples ou oracional. Isso ocorre pelo fato de haver uma tendência de os gramáticos abordarem o processo apositivo, apoiando-se mais no nível sentencial ao defini-lo, desconsiderando o contexto de que participa.

#### 4. A aposição sob a perspectiva funcional

Para Gonçalves et al. (2007), que também se reporta a Halliday (1985), as construções apositivas são constituídas de duas partes: a unidade base ou matriz (A) e a unidade apositiva (B); a segunda tendo por função expandir e elaborar o significado da primeira, promovendo maior caracterização de um termo anteriormente nomeado, tornando mais clara a informação para o interlocutor, fornecendo detalhes ou

adicionando atributos. Essas construções podem se dividir em dois grupos: aquelas que apresentam a unidade apositiva introduzida por conector zero; e aquelas que apresentam os conectores discursivos, tais como *quer dizer, ou seja, isto é, vale dizer e por exemplo*.

Para Meyer (1992), a aposição é uma relação gramatical que apresenta características sintáticas variadas e que, geralmente, é constituída por sintagmas nominais. As unidades A (base) e B (apositiva) apresentam ainda uma relação de gradação em relação às suas características sintáticas. Todavia, ainda nas palavras do autor (op. cit.), a aposição também se realiza por aposição não-nominal sintagmática (SP, SAdv., Sadj.), oracional, sentencial e entre diferentes classes de palavras. Além disso, Meyer ainda observa a ocorrência da aposição *simples*, assim denominada porque a unidade inicial está em aposição com uma única segunda unidade; como também a ocorrência da aposição *dupla* e *tripla*, em que a primeira unidade está em aposição com uma ou duas aposições subsequentes). Este autor identifica também a aposição *central* e a aposição *periférica*, propondo critérios para a identificação de duas unidades que podem ser estruturalmente dependentes (subordinadas) ou independentes (coordenadas).

Dias (2005) remete à visão de estudiosos como Nogueira (1999), que aponta também a existência de um caráter gradual no processo sintático da aposição; para ele, algumas construções são semântica e sintaticamente mais típicas do que outras. Logo, a natureza centrípeta parece ser o traço comum nas orações apositivas, fazendo a diferença entre aposição e coordenação e entre aposição e justaposição.

Dias (op. cit.), tendo como suporte Decat (2001), afirma haver uma estreita relação entre a função da oração adjetiva explicativa e a ocorrência de orações desgarradas nos textos instrucionais e informativos. As adjetivas servindo às informações suplementares, explicações necessárias ao aspecto instrucional do texto, tentando convencer o leitor sobre determinado aspecto da informação e também como esclarecimento de pontos de vista dos escritores, marcando a interação com o público. A hipótese de Decat (2001) é de que quanto maior a intenção comunicativa de



ênfase, de foco, maior a tendência ao desgarramento da oração, que se torna uma frase autônoma, tendo, assim, maior peso no fluxo informacional e na cadeia temática.

## 5. Orações apositivas desgarradas

O termo *desgarrada* foi criado por Decat (2001), partindo da noção de unidade informacional formulada por Chafe (1980). Para a autora, essas orações ocorrem de forma separada da oração *base*, razão pela qual recebeu tal denominação. O termo *desgarrada* “trata-se, em termos funcionalistas, de uma estrutura que existe formalmente por si só, como um enunciado independente – mesmo existindo um nexo semântico entre essa estrutura desgarrada e a porção textual com a qual ela se relaciona” (DECAT, 2011, p. 16).

No entendimento de Dias (2005), mesmo que a unidade apositiva mantenha uma relação semântica com a unidade anterior, o falante a expressa como unidade desgarrada para enfatizar alguns aspectos textual-discursivos. Caso esse foco não seja evidenciado, a unidade apositiva não será desgarrada. A autora atenta para o fato de que, embora as unidades apositivas desgarradas constituam cláusulas independentes sintaticamente, elas mantêm com a unidade base uma relação semântico-pragmática muito estreita, servindo a uma função coesiva importante ao desenvolvimento do texto. De acordo com a autora, a identificação das cláusulas desgarradas, na escrita, ocorre pela separação marcada por ponto. Segue um exemplo citado pela autora

De uma amostra de cinquenta projetos, cujos clientes foram consultados, 46 haviam dado bons resultados. Em marcado contraste com a tradição universitária de criar tecnologia “de prateleira” ou “pesquisa aplicada que ninguém aplica”, o Senai atende predominantemente a indústria, com projetos em que em 81% dos casos há engenheiros ou técnicos da empresa interessada compartilhando o trabalho – além de professores universitários. Ou seja, o Senai virou gente grande na P&D brasileira. (VEJA)

## 6. Análise dos dados

Conforme já explicitamos, a apropriação que fazemos do termo *construção* faz alusão a duas unidades, uma matriz (A), e outra apositiva (B), podendo ambas as unidades serem formadas tanto por cláusulas como por sintagmas nominais (SN). Uma vez definidas as características inerentes ao fenômeno da aposição, passamos a listar as ocorrências das construções apositivas nas quais flagramos a presença dos conectores discursivos *ou seja*, *quer dizer* e *isto é* no *corpus* analisado, além de apresentar as diferentes formas de materialização linguística dessas construções; e de apontar as funções sintáticas exercidas pelos elementos base dessas construções.

Seguem alguns dos formatos das construções apositivas, distribuídos quanto à forma de materialização linguística e à função sintática do elemento base da unidade A dessas construções, respectivamente.

### 6.1 Formatos das construções com OU SEJA

- **FORMATO 1:** Cláusulas. *Ou seja*, cláusulas / **Elemento base:** período composto

[...] As jóias que serão exibidas na exposição de Buckingham são, na maioria, pertencentes a Elizabeth. **Ou seja, como não fazem parte das preciosidades oficiais, a rainha poderá deixá-las em testemunho tanto à coroa como as suas herdeiras.** (VEJA, jun., 2012).

- **FORMATO 2:** Cláusula. *Ou seja*, cláusulas / **Elemento base:** período simples

[...] Hoje o preconceito é a partir do meio. **Ou seja, o preconceito é fruto da falta de profundidade intelectual. A pessoa valoriza o que os outros valorizam, para não ser tachado de ignorante.** (ÉPOCA, set., 2012).

- **FORMATO 3:** SN. *Ou seja*, cláusula / **Elemento base:** predicativo

[...] Stefánsson e sua equipe rastrearam o DNA dos filhos, em busca de alterações genéticas que não poderiam ser encontradas nos genes paternos, tampouco nos maternos - o que os geneticistas definem como “novas mutações”. **Ou seja, variações genéticas que surgem com a concepção.** (VEJA, agosto, 2012).

## 6.2 Formatos das construções com QUER DIZER

- **FORMATO 4:** SN. *(Isso) quer dizer*, Cláusula / **Elemento base:** adjunto circunstancial

[...] Os PMS envolvidos – dois soldados e um cabo – foram presos em flagrante por homicídio doloso. **(Isso) quer dizer, homicídio com intenção de matar.** (ÉPOCA, jul., 2012)

- **FORMATO 5:** Cláusula. *Quer dizer*, Cláusulas / **Elemento base:** período simples:

Segundo o pensador grego, o homem tem *logos*. **Quer dizer, tem “palavra”; tem “sentido”; tem “razão”.** (VEJA, abr., 2012)

- **FORMATO 6:** Cláusulas. *Quer dizer*, Cláusulas / **Elemento base:** período composto:

E a gente sempre pode melhorar desde que não seja apenas para ser como os outros querem que sejamos. **Quer dizer, é bom ser bonito, natural,**

tímido ou extrovertido (desde que educado nos dois casos), até mesmo ser meio esquisito, fechado, contemplativo. Tudo é positivo se é natural, exceto grosseria, cinismo, hostilidade. (VEJA, nov., 2012).

### 6.3 Formatos das construções com ISTO É

- **FORMATO 7:** Cláusula – *isto é*, SN / **Elemento base:** aposto

Dilma Rousseff teve motivos fortes para puxar o freio de mão da abertura política. Esses motivos fortes têm nome e sobrenome: Fernando Collor e José Sarney. A alma da ex-guerrilheira, quem diria, foi sensibilizada por dois herdeiros do regime militar: Dois ex-presidentes que serviam por anos a fio de alvo para a panfletagem do partido do atual governante – isto é, dois personagens muito úteis ao crescimento do PT e de suas bandeiras libertárias. (ÉPOCA, junho de 2011).

- **FORMATO 8:** SN, *isto é*, SN / **Elemento base:** adjunto circunstancial

Entre os anos 1950 1980, os governos latino-americanos prometiam redistribuir renda via aumentos reais de salários, isto é, acima da inflação. (VEJA, abril de 2011).

- **FORMATO 9:** Cláusula. *Isto é*, Cláusula / **Elemento base:** Cláusula (principal)

Leia que agora até no Sertão brasileiro o crack, mais barato e mortal que outras drogas, começa a sua devastação. É vendido em rodoviárias, levado para o Interior. [...], pois essa droga, mais que todas, mata rapidamente. Para resistir, para escolher outro caminho, precisaríamos ser um pouco mais estoicos, ou um

pouco mais sábios. Isto é, precisaríamos tentar remar contra a maré do consumismo, dos joguinhos de poder, da cobiça (mais cargos, mais grana, mais prazeres, como a criança que não larga o peito da mãe). (VEJA, outubro de 2011).

- **FORMATO 10:** SN. *Isto é:* Cláusulas / **Elemento base:** objeto direto

A prosa de ficção – o romance, o conto, a novela – frequentemente lança mão de arquivos preservados à memória do escritor. [...]. Já autobiografias ou livros de memória costumam realizar a operação oposta. Isto é: **valer-se dos recursos da ficção e da construção imaginativa para preencher lacunas de recordação individual**.(VEJA, março de 2012)

Em todas as ocorrências apresentadas, as unidades sublinhadas constituem as unidades base ou matriz (A); e as unidades em negrito constituem as unidades apositivas das construções em análise. Quanto à forma de materialização linguística, todas as unidades apositivas se apresentam, coincidentemente, desgarradas das unidades matriz por ponto final; exceto na ocorrência (10), na qual o *desgarramento* se dá por travessão. Notamos que, em todas as ocorrências, apesar de desgarrada, a unidade apositiva mantém um nexos com a unidade matriz, no sentido de que a segunda unidade (apositiva) re-elabora e clarifica as informações contidas na primeira unidade (base ou matriz); enquadrando-se, portanto no eixo lógico-semântico de expansão por elaboração, nos termos de Halliday (1985).

Além disso, notamos que, no o aspecto sintático, a unidade B re-elabora o elemento base da unidade A, que se apresenta tanto como período simples, ou complexos, como também em funções sintáticas diversas como predicativo, aposto, adjunto circunstancial, cláusula *subordinada* e objeto direto. Nas ocorrências apresentadas acima, o elemento base da unidade **A** das construções se realiza como SN apenas nas ocorrências (4), (5) e (9); enquanto se realiza nas unidades apositivas, nas

ocorrências (8) e (9). Apesar de estarmos diante de uma pequena amostragem, os dados nos revelam o critério representado por *clausula*, como predominante nas ocorrências com os três conectores em estudo, em relação ao critério representado por *SN* (sintagma nominal).

## 7. Considerações finais

Da análise realizada em textos opinativos da modalidade escrita da língua, podemos verificar, de fato, uma grande recorrência de construções cujas unidades apositivas são introduzidas pelos conectores de base verbal *ou seja*, *quer dizer* e *isto é*. Um aspecto relevante na amostra selecionada é a constatação de que os usuários podem lançar mão de aparato disponível entre os sinais de pontuação, recorrendo ao ponto final, ao travessão, conforme pretenda imprimir determinadas conotações à elaboração por expansão que é inerente a esses contextos; o que resulta em unidades *desgarradas*, materializadas linguisticamente em diversas formas.

Uma vez que, conforme já dito, as unidades *desgarradas* mantêm um nexos com as unidades base, os dados analisados nos levam a crer que o produtor do texto se utiliza da estratégia do *desgarramento*, em suas sequências argumentativas, pela necessidade de dar ênfase, realce a essas sequências. O fato de a unidade apositiva reelaborar um elemento base com o qual se relaciona sintaticamente a partir de cláusulas, períodos, ou termos em diversas funções, leva-nos a considerar que o aposto e/ou aposição têm grande relevância no texto; não podendo ser considerado, portanto, apenas como um termo meramente acessório, no sentido de ser retirado sem prejuízo para o entendimento do leitor/ouvinte.

## Referências

- BECHARA. Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª edição. São Paulo. Editora Lucerna: 1999.
- CHAFE, Wallace. *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- \_\_\_\_\_. *The deployment of consciousness in the production of a narrative*. IN: CHAFE, W. L. (ed) *The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.
- CUNHA, Celso Ferreira de. *Gramática de língua portuguesa*. Rio de Janeiro, FAE: 1984.
- DECAT. Maria Beatriz. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: aposição rumo ao “desgarramento”* In: Scripta. Belo Horizonte vol,5, n.9, p.104, 2º semestre de 2001.
- DIAS, Nilza Barrozo. *Cláusulas apositivas em português; estatuto sintático-discursivo*. Comunicação no GEL. Santo André. SP. Junho de 2005.
- \_\_\_\_\_. *Cláusulas apositivas “desgarradas” em português: estatuto sintático-discursivo*. In: *Veredas*. Juiz de Fora. V.8, n.1, p. 63-67, 1º semestre 2006.
- \_\_\_\_\_. & SANTOS FILHO. *Os Enunciados Apositivos*. Relatório BIC/UF JF. 2004.
- GÓIS, Carlo e Palhano, Hebert. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Francisco Alves: 1960.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; et al. *Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1985.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Societ*,13: 139-157, 1987.
- KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática*. 7. ed. Lisa S. A., São Paulo: 1973.
- \_\_\_\_\_. *Novas Lições de Análise Sintática*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. 20. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979.
- MEYER, C. F. *Apposition in English*. In: *Journal of English Linguistics*, vol 20.1., 1987.
- \_\_\_\_\_. *Apposition in contemporary English*. Cambridge Press, 1992.
- NOGUEIRA, Márcia Teixeira. *A aposição não restritiva em textos do português contemporâneo escritos no Brasil*. Tese de Doutorado. Unesp/Araraquara, 1999.
- VOTRE, B. J. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M. E., VOTRE, S. J. e CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.